

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 8500
—Para outras localidades. 9500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Efemérides Portuguesas

O REINADO de D. Carlos, apesar de iniciado com as dificuldades resultantes do ultimatum britânico, dera a Portugal o prestígio no Mundo. Havia-se pacificado Moçambique e Angola, graças à acção de homens eminentes. Conquistara-se uma situação internacional sem precedentes, devido a diplomatas habilíssimos e sobretudo à acção pessoal do Rei. O respeito que impunhamos no Exterior provava-se amplamente com a visita ao nosso País de alguns soberanos e chefes de Estado europeus. Diminuíra-se a importância do deficit orçamental e conquistara-se a confiança financeira nos mercados estrangeiros.

O príncipe real D. Luís Filipe visitara as colónias africanas, de Cabo Verde e Moçambique, e, por toda a parte, encontrara as melhores provas de carinho dos portugueses de Além-Mar. Podia dizer-se que era verdadeiramente próspera a situação do País nos princípios do ano de 1908.

Porém as paixões políticas, ao invés, tudo procuravam destruir, lançando os homens na mais desgraçada peleja, na mais alucinada confusão. Cominhava-se, assim, irre-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse Mundo fóra...

● Na presença de vinte e cinco mil peregrinos de vinte e uma nações, realizou-se na Basílica de S. Pedro, em Roma, a beatificação de Vinco Pallotti, a primeira integrada nas comemorações do Ano Santo. Falecido há precisamente um século, o padre romano Pallotti é considerado como o precursor da Acção Católica e promotor da prática do oitavário pela unidade da Igreja.

● Comandando um exército de dez a quinze mil homens, recrutados entre antigos soldados holandeses e indonésios, o capitão Westerling, com o objectivo de aniquilar as forças do Exército Republicano Indonésio da Java Ocidental, invadiu Bandoeng, principal cidade da referida região e está a criar sérias apreensões ao Governo indonésio, que tomou todas as medidas tendentes a neutralizar os rebeldes.

● Desde o dia 26 do mês findo que a Índia é uma República soberana e democrática, com os seus trezentos e cinquenta milhões de

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Carnaval em Loulé

Conforme já temos noticiado, este ano o Carnaval, na laboriosa e importante vila de Loulé, terá um êxito retumbante, pois, pela primeira vez, presta a sua colaboração às festas a Câmara Municipal de Loulé.

Além das grandiosas e tradicionais batalhas de flores, nas quais se apresentarão carros do mais requintado gosto artístico, que se devem ao capricho louletano, haverá também concurso de estudantinas.

Se o tempo permitir, a excelente avenida vai ser pequena para conter a multidão de forasteiros que se deslocará a Loulé, para apreciar tão alegre e ruidoso espectáculo.

Concurso de "estudentinas", em Loulé



Cartas de Portugal (12)

QUANDO OS MONTES HERMÍNIOS RIVALIZAM COM OS ALPES SUIÇOS

DE ANTERO NOBRE

Gouveia, 10-Novembro-1949

AS MINHAS ocupações profissionais, obrigando-me hoje a fazer a travessia da Serra da Estrela, desde a Guarda até esta bem pitoresca vila de Gouveia, passando por Manteigas, permitiram-me colher, pela segunda vez em menos de um ano e na mesma região, algumas das maiores e sem dúvida mais duradouras impressões da minha vida, misto de emoção estética e orgulho de ser português.

É esta, exactamente, uma das regiões — cartaz da Estrela, região clássica da neve e dos desportos de Inverno, atractivo emocional de simples turistas e de desportistas ávidos de sensações fortes, região do esqui e do campismo alpestre; mas, porque a neve ainda este ano não apareceu por aqui, embora a temperatura esteja a baixar dia a dia e se encontre já água gelada nas valetas das estradas e nas margens de algumas fontes e regatos, não me sendo assim permitido admirar o apreciado e reclamado deslumbramento alvo dos píncaros nevados, a Providência, querendo certamente que eu não deixasse de admirar, de qualquer forma, o espectáculo grandioso da serra, fez desaparecer hoje, totalmente e como por encanto, o nevoeiro expesso que, dizem-me, há uma semana vinha envolvendo os píncaros dos Herminios. E depois do que, por isso e assim, me foi possível ver pela segunda vez, não sei — confesso-o sinceramente — se a Serra da Estrela não será, de facto e afinal, muito, mas muito mais bela sob um sol esplendoroso como o de hoje, do que sob o manto uniforme, embora surpreendente de alvura, de um nevão em formal.

Há, pelo menos, no itinerário turístico que hoje percorri, dois espectáculos que só num dia de horizontes límpidos e de luz intensa se nos podem oferecer em toda a sua beleza policroma e em toda a sua grandiosidade majestosa.

Um desses espectáculos é o que se nos apresenta na descida para Gouveia, depois das famosas Penhas Douradas, passando pelos vários e celebrados Covões e a nascente do Mondego — o gracioso «Mondeguinho», como lhe chama a lápida tósca que a assinala com muita ternura e bastante encanto! —, por aquela estrada em torcicolos, hoje pontuada de interessantes e utilíssimos abrigos de montanha, em estilo bem português e bem ser-

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

Defesa da Economia Nacional

Uma das características determinantes na continuidade da acção governativa no período do ressurgimento nacional é a lógica. O equilíbrio financeiro, — considerado o primeiro problema a exigir urgente solução e

base no seu momento inicial, para ser possível o progresso e o prestígio do País —, mantem-se como necessário à própria política.

Yasco de Mendonça Alves
(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

GENTE DO ALGARVE e grandes fidalgos do reino

Os Socorros Algarvios

Os primeiros socorros a chegarem a Mazagão foram os de Bartolomeu Guerreiro e os de sessenta cavaleiros a quem a Rainha dirigiu o pedido, ambos recebidos, como é natural, como provas de grande «alvorogo e alegria» dos que estavam na fortaleza, segundo o autor da «História do famoso cerco».

Por sua vez, logo que no Algarve houve conhecimento do cerco, por intermédio da tripulação da caravela que fundeou em Lagos vinda de Mazagão, tocaram tambo-

no cerco de Magazão

Por J. FERNANDES MASCARENHAS

res por el-rei seguindo-se um grande movimento de entusiasmo por parte dos seus habitantes, no sentido de auxiliar os sitiados e defender a praça.

Nobreza e povo, todo acudiu pronto ao chamamento, como aliás, já tinha sucedido em outros momentos críticos para as praças de África. Porém, onde entusiasmo tomou mais relevo foi, sem dúvida, entre os componentes das venerandas corporações de pescadores — as *Confrarias do Corpo Santo ou compromissos Marítimos* — as quais, além dos seus fins religiosos e caritativos, tinham também, funções de carácter patriótico, isto é, acudiam sempre aos rebates de África.

Para fazermos uma ideia do que foi o alvorogo pela defesa desse bocado sagrado do território português, vejamos o que nos diz esse curioso documento por nós encontrado na Colecção Pombalina.

De Faro mandaram os Marianos no principio do cerco dois navios com gente à sua custa, e quando Francisco Nobre, tornou com novas do aperto do cerco mandaram outro navio, com gente, e mantimentos.

Jorge Mendes de Sarría, foi com um navio à sua custa com seus parentes, e outra gente.

Em Vila Nova se embarcou Jorge da Silva filho de Rui Pereira com alguma gente.

O Alcaide-Mór de Mazagão foi dos primeiros que foram de Tavi-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Calendários

Do representante da firma João Pires e Filhos, desta cidade, sr. Manuel Pires Mateus, recebemos a oferta de dois interessantes calendários de reclame aos afamados vinhos de mesa Jop e Jopinhal.

Também da Companhia de Seguros «Fidelidade» recebemos a oferta de 2 blocos, para o ano de 1950.

Os nossos agradecimentos.

No rumo do Horizonte...

Ao Dr. António Freitas Pimental

Lá saiu para o mar o meu navio que lembra um cisne branco dos jardins, de linhas caprichosas, muito esguio, e a alvura imaculada dos jasmíns...

Não temerá nem ondas nem baixio que p'la vante lhe surjam, nos confines das águas através das quais seguiu, nem os monstros que vir, por mais ruínas...

E sofrerá, nas solidões desertas, as tormentas que varrem as cobertas e em que parecem anos os segundos...

Lá vai, mar dentro, afoito aos vendavais... Risado, o pano; firmes, os brandais... No rumo do horizonte... doutros mundos...

HERNANI DE LENCASTRE

“Amor de Cigana”

No Teatro António Pinheiro

Conforme noticiámos no número anterior, a Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro vai levar a efeito dois espectáculos no Teatro António Pinheiro, desta cidade, nos próximos dias 9 e 10 do corrente mês.

Depois de uma longa ausência, a sua numerosa embaixada volta a pisar o palco daquela sala de espectáculos. Nada menos de 100 figuras tomam parte neste grande espectáculo.

O seu Orfeão, composto de 80 figuras, far-se-á ouvir novamente.

Do seu belo repertório, constarão alguns números ainda desconhecidos para quantos o constituíram, nos tempos em que o orfeão representava, dignamente, a sua sociedade e a sua terra.

Sob a regência do maestro Herculano Rocha, serão cantados vários números: Viola Aldeia, Montanhado, Eu atrás das pulgas e moinhos.

A 2.ª parte compõe-se, inteiramente, da opereta em 2 actos «Amor de Cigana».

Desempenham os principais papéis as distintas amadoras Maria Nunes, Olga Soares, Julieta Cruz, etc..

Do elenco masculino, farão parte Eduardo Ramos, Leonílio Santos, Leonel Fernandes, José Emídio Sotero, José Macedo, José Ventura Palmeira, Luciano Vitor e Manuel Barqueira.

Colaboram também os restantes componentes do Grupo Cénico da Sociedade Orfeónica.

PELA CIDADE

Carnaval—No passado domingo iniciaram-se nos clubes locais, Sociedade Orfeónica e Clube Recreativo Tavirense, os tradicionais bailes de máscaras.

O Clube de Távira também inicia hoje a sua época carnavalesca.

Por enquanto a animação não tem sido muita; porém, tudo nos leva a crer que, de futuro, os bailes atinjam aquela alegria do costume.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Montepio Artístico.

Teatro António Pinheiro—Espectáculos da Semana.

Hoje, apresenta um novo grande filme português — *Sol e Touros*. Uma história de amor, verdadeiramente popular, com o famoso matador de touros, Manuel dos Santos, a simpática e insinuante vedeta Leonor Maia, «Tatão», e a grande revelação feminina, Ana Paula. Um notável elenco com Erico Braga, Costinha, Eugénio Salvador, Emílio Correia, Eulália Del Pino, Maria Olguim, Pedro Navarro, etc.. Dois fados por Amália Rodrigues e Fernanda Baptista.

Agradecimento

Maria das Candeias Feliciano e Manuel da Conceição Feliciano vêm por intermédio deste jornal agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada a sua saudosa mãe, Rita das Dores Feliciano.

Novo correspondente

Foi nomeado correspondente do nosso jornal na laboriosa povoação de Fuseta o sr. António Ascensão Reis, com quem de futuro serão tratados todos os assuntos referentes àquela localidade.

Agradecimento

A família do sargento Joaquim Pacheco vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu querido e saudoso marido, pai, sogro e avô e bem assim testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas aquelas que o velaram durante a noite.

VERDADES AMARGAS

A Besta de Carga

Se há povos sofrendores e conflagrados, o povo russo é um deles e está à cabeça do rol; pois, através da História é considerado a «Besta de Carga».

No regime despótico e autocrático dos Czars, o povo sofreu sempre a acção da policia política e do absolutismo das camarilhas palacianas que dispunham a seu bel-prazer, da governação pública, da mesma maneira que o homem dispõe do animal. O último Czar, Nicolau 2.º, sendo considerado um fraco de espirito, dobrava-se e cedia ao primeiro aventureiro que cheio de mesuras lhe aparecesse a lamber-lhe as botas, desde que estivesse recomendado por lacão ao serviço da Imperatriz.

Quase toda a camarilha sob a influência de um célebre, sinistro e barbudo monge, chamado Rasputine, homem de baixos sentimentos, matreiro e cínico, foi um dos principais factores que mais concorreram para que a revolução bolchevista triunfasse, pois foram eles que, tendo na mão os destinos da Nação, bestalizaram o povo, em cujo dorso cavalgavam.

A influência do célebre monge no ânimo e espirito dos Soberanos — seus amos e senhores — era tão grande, que fazia destes uns autómatos... Foi o maior veneno que ainda tinha aparecido na Corte Imperial Russa.

Tudo deturpava: a intriga, e até a denúncia de conjuras adrede preparadas por ele próprio, com fito ainda mais largo ao mando, na sangueira e na corrupção, eram as suas armas mais apetecidas para consumir a traição à causa do dever para com a Pátria e a Igreja. Enfim, era ele quem praticamente dispunha do povo russo, e que, mais concorreu para a queda do trono dos Romanoff.

De nada serviu a subida ao Poder do lunático Herensky, nem a apregoada felicidade da alvorada das suas fagueiras liberdades. Toda esta felicidade para a «besta de carga» durou pouco tempo, pois mal teve tempo para acreditar na utopia do nascimento de uma «Russia para todos os russos».

A defeccção do Exército Russo foi um facto, e a Nação achava-se a braços com a maior e mais tremenda crise da sua história, sob o ponto de vista económico, político e social.

Que lucraram as forças vivas — o capitalista, o proprietário, o industrial, o comerciante em lhe ser negado a sua intervenção directa e moralizadora na politica económica e social? Os valores em ruína, os campos talados, as fábricas sem laboração e os armazens desertos e fechados davam triste, mas suficiente resposta.

Se a camarilha palaciana não tivesse reduzido a religião política a um ritual dissolvente; se o povo se não se tivesse engolfado na subserviência ao poder, deixando-o corromper ou esmagar as consciências; se, por inevitável reacção, não tivesse dado ouvidos às teorias subversivas dos exploradores da popularidade; se tivesse obstado a que uma profunda devassidão lhe envenenasse as fontes da vida;

se tivesse avocado a si, por meio de bons e leis governantes, a gerência dos negócios públicos; se tivesse obstado a que no seu seio houvesse uns 80 a 90% de alfabetos, para esteio principal do regime; provável seria que a escuridão o tivesse poupado do servilismo a uma dinastia periclitante e a desfazer-se aos motreiros, para mais tarde vir a cair numa outra escuridão ainda maior, como o é a Rússia de Estaline.

Devido a tudo isso, os grilhetas aproveitando a situação confusa e angustiada em que o país e o regime se debatiam, saíam triunfantes das ideias sinistras, através das grades dos presidios, de complicidade com os defeccionistas. E, assim, o povo, indiferente pela falta de instrução e de dirigentes com idoneidade moral, deixou-se enganar pela teoria comunista, cujos funestos resultados estão bem patentes aos olhos do mundo civilizado.

E então o infeliz Povo Russo, que caiu numa irremediável fatalidade, continua, pois, a ser aquela «Besta de Carga» de outros tempos, por estar sob a alçada da maior e da mais execranda das tiranias de que reza a História; pois, apesar de tudo, no tempo dos Czars, ainda tinha a iluminá-lo um ténue luz da civilização cristã.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

“Cantares da Nossa Terra”

Está anunciada para breve a representação da revista «Cantares da Nossa Terra», da autoria do sr. António Lança, com música do maestro Herculano Rocha.

A revista é levada à cena por um grupo de alunos do «Colégio Tavirense» sob a direcção do sr. António Lança, proprietário e professor do Colégio.

Segundo informações vindas até nós, tem interessantes números, distinguindo-se o corridinho algarvio, que nos dizem ser um quadro dinâmico e cheio de espectacular vivacidade.

Aguardamos que nos sejam fornecidos mais elementos informativos desejando ao simpático grupo estudantil uma optima realização teatral.

Pela Província

Fuseta

Orientada e superiormente dirigida pelas mais elevadas entidades do meio, acaba de ser criada, fundada e organizada a «Liga dos Amigos da Fuseta», que consiste em remover todas as causas em prol desta povoação, relativamente a melhoramentos.

Do seu corpo directivo, fazem parte os srs.: Dr. Manuel da Silva Ramos, Dr. Arnaldo Assunção de Matos, Joaquim Nunes Fontes da Conceição Pacheco, José Mendes, Alonso José dos Reis, João Baptista Luis, Francisco do Nascimento e José Agostinho Machado Júnior.—E.

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longinos, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Dr.ª D. Maria Paixão Ferreira de Almeida e sr. António Joaquim da Rosa.

Em 6—D. Maria Adelaide Tavares de Sousa Coelho, D. Ermelinda Bernardo Raimundo e Horta, meninas Maria do Carmo Ferrete Afonso Peres e Maria Amélia Ferrete Afonso Peres e os srs. Joaquim Lopes Padinha e Joaquim José.

Em 7—D. Maria da Graça Pacheco Neto Mil-Homens, D. Maria Adelaide Ondas Pires Cruz, D. Maria José da Palma Brito Baptista e sr. António de Sousa Marques.

Em 8—Sr. Padre João Martiniano Correia Matos.

Em 9—Sr. Joaquim António Cordeiro Peres.

Em 10—D. Rita de Brito Pinhol e sr. Joaquim Pires Cruz.

Em 11—Sr. José Lázaro Pereira.

Partidas e Chegadas

De visita a sua família, foi a Lisboa, donde já regressou, o nosso assinante sr. Jaime Pires Costa, mandador da Armação do Barril.

—Veio ao Algarve, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso prezado colaborador sr. Manuel dos Santos Cabanas.

—Com sua esposa, partiu para a Capital, aonde vai prestar serviço, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Engenheiro José Eiesbão Mansinho da Graça, que durante algum tempo prestou serviço em Faro, na Direcção Hidráulica do Guadiana.

—A fim de assistir ao funeral de sua mãe, foi a Capital o sr. Alfredo Augusto Cordeiro, sócio gerente da Empresa de Publicidade Algarve, Lda., com sede nesta cidade.

Registo do Nascimento

No dia 16 de Janeiro findo, na Conservatória do Registo Civil desta cidade, registou-se um filho do nosso assinante sr. José António Palmilha, funileiro, residente nesta cidade, e de sua esposa sr.ª D. Josefa Pinguinha Bota Palmilha. O neófito, que recebeu o nome de Victor Manuel Bota Palmilha, foi apadrinhado pelo sr. João Martins Victor, primeiro sub-chefe da Policia de Segurança Pública, e pela tia materna, sr.ª D. Manuela Pinguinha Bota, residente em Loulé.

No dia 1 do corrente, registou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade um filho do sr. Juvêncio Alvaro Santos Pires, escrivão, e de sua esposa sr.ª D. Inês de Jesus Gomes Pisco Pires.

O neófito, que recebeu o nome de Juvêncio Abel Gomes Pires, foi apadrinhado pelo sr. Dr. Hernâni Gil Cruz de Campos e Lencastre, meritíssimo Juiz de Direito da Comarca, e pela sr.ª D. Maria Natália Pacheco.

Doente

Tem estado doente o sr. Augusto Santos, funcionário da Empresa de Viação Algarve.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Agradecimento

A família do desditoso António Marcelino da Cruz vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à derradeira morada, cujo funeral se realizou em Faro, no dia 8 de Novembro do ano findo e bem assim a todos os que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

IMPRESA

Jornal «Átomo». Acaba de sair o n.º 25 deste jornal mensal de divulgação da ciência e técnica, com secções especiais de literatura, música, artes plásticas, cinema e teatro escritas pelos melhores jornalistas da especialidade. O presente número com 24 páginas apresenta-se ilustrado com magnífico aspecto gráfico, melhor papel e a sua leitura vem cheia de interesse e oportunidade. «Átomo» entra no 3.º ano de publicação. O seu acolhimento tem sido muito lisonjeiro estando com grande expansão em todo o País, Ilhas e Colónias portuguesas. O seu preço avulso a partir deste número é de 300. Se deseja assinar escreva para a Rua de Artilharia 1, 67 Lisboa. Série de 12 números 4000.

PRÉDIO

Com frente para a Av. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 12 e Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 9 e 11. Vende-se.

Trata José Viegas Mansinho —Tavira.

“A Senhora Viu?”

No Teatro António Pinheiro

Temos a oportunidade de anunciar em definitivo, a apresentação no Teatro António Pinheiro da revista local «A Senhora Viu?», pelo grupo de Amadores do Clube Recreativo Tavirense, nos próximos dias 12 e 13 do corrente.

São 2 actos, 16 quadros e 25 números de música.

O original, dos nossos camaradas de redacção Rocheta Casiano e Virgínio Pires, foi musicado pelo distinto maestro Herculano Rocha.

A titulo informativo, publicamos os titulos dos quadros:

Romarias — Que Lindo Panorama — A' Esquina de D. Brites — Não digas não — O que elas pensam (comédia) — O Aprendiz de marceneiro — A Senhora Viu? — No Fado — Os Sinos da Nossa Terra (Apoteóse do 1.º acto) — Lendas e Moiras — Santa Luzia à vista — Coisas e Loisas — Alamares — Uma questão psicológica — Num olhar — Tavira, a Alma do Povo! (Apoteóse do 2.º acto).

A sr.ª D. Ercília dos Mártires Soares, distinta amadora de Santa Luzia, prestará gentilmente a sua colaboração, tendo a seu cargo três números de cortinas, que têm interessado grandemente os assistentes aos ensaios.

Jorge Chagas, Fernando Carvalho, Joaquim A. Correia e Vitorino Cardoso fazem os quatro «comperses», com a segurança que demonstraram no «Zé da Arcada».

As meninas Maria Marum, Georgélia Rodrigues, Aldegundes Mendes, Idalinda Baptista e Manuela Bagarrão desempenham, com a natural graça que as caracteriza, os principais papeis femininos da Revista.

Manuel Augusto de Jesus, o extraordinário garoto que Tavira conhece pela atenção que Amália Rodrigues lhe dispensou, e Maria João, a não menos hábil garota, que se revelou no «Zé da Arcada», cantam, o fado e, pelo que dizem... encantam.

Aguardamos o espectáculo para apresentarmos a opinião do nosso critico teatral e desejamos ao Clube Recreativo Tavirense uma muito feliz realização.

FUTEBOL

Olhanense, 1 — Belenenses, 1

A vergonhosa tarde do ultimo domingo da F. P. F., em Olhão, não deve recordar-se, salvo, para quem superintende e mande no desporto.

Culpas, houve-as certamente — culpas, de todos. Jogadores, público e árbitro. Não igualmente distribuídas, uma vez que a responsabilidade não pode ser assomida, por igual, a estas três entidades.

O árbitro não soube merecer a confiança, que lhe atribuíram, ao aceitar o apito de juiz de partida. Muito antes de metade do encontro, já «andava no ar» a claudicante e atropelada autoridade, que presidia ao encontro. Feliciano sentiu-o, melhor de que ninguém. E, se bem o sentiu, melhor o executou.

Atraz dos desmandes da defesa visitante, vieram, lógica e infelizmente encadeados, os atropelos de todos os companheiros e adversários.

O público, excitado e incapaz de assistir indifferente ao lamentável ambiente, que se respirava no rectângulo, não se conteve e, quebradas as ténues limitações de civildade, respondeu à provocação, como as multidões sabem responder, em todos os casos: Exagerando.

As bancadas dos sócios locais foram, depois «bombardeadas» ferozmente pelos «azuis», que dispararam autenticos «tiros» para o público, no evidente intuito de magoar, e... valha a verdade, de retribuir as «gentilezas», com que foram mimoseados.

Enfim, tarde lamentável, de uma infelicidade notória, e que esperamos não ver repetida na nossa Província, que desejamos que ensine boas maneiras, até mesmo aos visitantes que as esqueceram.

R. C.

Hoje, realiza-se em Vila Real de Santo António o encontro entre o Lusitano Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto, para o Campeonato da 1.ª Divisão.

Vai ser uma partida disputadíssima, pois o Lusitano tem esperança em mais 2 pontos.

Também, às 11 horas, no campo do Lusitano, disputa-se um encontro entre as equipas do Lusitano e do Olhanense para o Campeonato de Júniores.

Assinal o «Povo Algarvio»

Subsídios para a História do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ra, e levou mantimentos, e alguma gente.

De Lagos mandou a Câmara um navio com gente e mantimentos de que era capitão Pero de Montarroyo foi também António Rabelo homem honrado com três, ou quatro homens, e foram mais pessoas a que se não soube o nome outro navio mandaram os mariantes com gente, e mantimento (*sic*), à sua custa. De Silves foram três, ou quatro homens à sua custa isto por Rol do Bispo do Algarve só escrito do Secretário Pedro.

Foram de Lagos Francisco Porto Carreiro, que foi capitão do Navio que mandou a Câmara, Alvaro Ribeiro filho de Cristóvão de Sousa com dois homens, eus, João Picouto homem honrado António de Sintra filho de Vicente de Sousa; e um seu irmão por outro Rol da Secretaria».

Toda essa gente a que se referem os quatro primeiros períodos do documento, era de Tavira e seu termo, muitos deles já nossos conhecidos de outras investigações históricas a que temos procedido.

Tavira mostrava mais uma vez o seu acrisolado patriotismo, bem justificado nos privilégios e honras de cavaleiro, concedidos pelos nossos reis a todos os seus habitantes. E o mesmo se passou com as restantes terras do Algarve citadas no documento.

A referência a um tal Diogo Cão, é prova de que o apelido desta família existiu no Algarve, havendo até quem considere esta província como tendo sido a da naturalidade do descobridor do Reino do Congo e Angola, cuja casa onde habitou, tivemos o ensejo de ver, em Vila Real, na recente visita que aí fizemos.

Por outro lado, um dos navios enviados ao cerco à custa da Confraria dos Marianes de Tavira, levava por capitão Pedreanes e de cuja tripulação faziam parte Domingos Pilarte, o fidalgo Rui de Melo da Cunha e os restantes homens indicados no documento.

Acerca do papel dos mariantes do Algarve diz Agostinho de Gavy de Mendonça: «Os mariantes de Tavira, Lagos e Faro juntaram 40 homens (pela notícia do documento vê-se que foram em maior número), pagos à custa de sua confraria, «onde entram os irmãos com certo dinheiro; e de todas as pescarias que fazem, e navios em que navegam, dão a parte de um homem para a confraria, donde vem terem uma bolsa de sete e oito mil cruzados, de que se ajudam em suas necessidades, e acodem aos rebates de África, sendo sempre os primeiros».

«Basta que estes honrados homens mandaram logo socorro, de baixo da capitania de um marianete a que não soube o nome, e levaram uma bandeira de campo de seda de côres com uma nau broslada de uma parte e da outra as armas reais, de que podem usar na guerra, por mercê de El-Rei».

Como se vê, em face do que Gavy de Mendonça nos diz e do documento, o capitão que comandou o socorro e cujo nome o mesmo autor ignorava, foi Pedreanes dos Anes ou Eanes de Tavira e seu termo. Este nome, porém, vem citado no livro *Portugal e Marrocos no século XVIII*, do erudito investigador J. A. Oliveira Martins, quando, a propósito do cerco, nos diz que os «primeiros a partir», foram conduzidos de baixo da capitania de Pedro Anes de Tavira.

Rui de Melo da Cunha e Vasqueanes Corte-Real eram fidalgos, como se pode ver na relação da nobreza que tomou parte no cerco e que a seguir se transcreve. Rui de Melo da Cunha, embora o documento o não diga, deveria ser um dos filhos de Vasqueanes Corte-Real e de Dona Inês da Cunha, nomes de igual modo nossos conhecidos, mencionados em documentos sobre a região de Tavira, que hão-de ser objecto de outros estudos.

Sancho de Vasconcellos, Vasco Gil Pimentel e outros que a relação dos fidalgos nos indica, habitavam também Tavira, como se

pode comprovar no capítulo sobre a nobreza dessa cidade algarvia, do trabalho de Damião de Vasconcellos.

Enquanto aos Ichoas, Viegas, Siqueiras, Melos, Cunhas, Nobres, Pessanhas, Sarrias, eram todos eles das principais famílias do Algarve e também fidalgos.

No que diz respeito aos Pessanhas, a ida de João Lourenço Pessanha, filho de Jorge Pessanha ao cerco de Mazagão, é prova de que após o célebre e lamentável desfecho entre os Melos e Pessanhas, no sítio da Campina da Luz de Tavira, no ano de 1581, nem todos os membros desta última família, descendentes do Almirante Micer Manuel Paçanha, se homisidaram em Tanger.

Igualmente de Faro, Vila Nova de Portimão (hoje Portimão) e Lagos, seguiram também importantes socorros.

De Faro, independentemente do navio de Jorge Mendes de Sarria que, armado à sua custa, seguiu com seus parentes e outras pessoas dessa cidade, enviaram também os mariantes, no princípio do cerco, dois navios à sua custa e quando tiveram notícias do apêro do cerco, tornaram a mandar outro navio com gente e mantimentos.

Em Portimão embarcou Jorge da Silva, filho de Rui Pereira, com alguma gente, escrevendo, a seu respeito, F. A. de Oliveira Martins: «Lourenço de Cáceres tinha o comando dos homens que Jorge da Silva armava à custa de sua fazenda, arvorara seis bandeiras de damasco verde e branco com o lião dos Silvas e a cruz da Ordem de Cristo».

Finalmente, de Lagos, não só o seu Município enviou um navio com gente e mantimentos, comandado pelo Capitão Pero de Montarroyo, homem fidalgo, como também, mandaram os mariantes um outro à sua custa, num gesto de grande patriotismo.

Toda essa gente marítima era das Confrarias do Corpo Santo, a que faz alusão Gavy de Mendonça na sua «História do famoso cerco».

Além desses socorros, seguiram de Silves três ou quatro homens à sua custa, segundo o rol do Bispo que era então Dom João (V) de Melo, esse grande prelado que, depois de um sínodo diocesano, fez publicar as primeiras Constituições do Bispado do Algarve, as quais, em precioso volume, foram por nós consultadas, num dos raríssimos exemplares que restam.

Entre esses homens conta-se certamente o sobrinho do próprio Bispo, o fidalgo Manuel de Belo, a que se faz alusão no rol dos fidalgos e que tão heroicamente se portou.

Por várias vezes a Igreja Algarvia se tinha associado a movimentos desta natureza, designadamente nos descimentos!

Da maneira como se portaram os algarvios no cerco de Mazagão da-nos Gavy de Mendonça uma ideia na sua crónica.

Sobre os mariantes de Tavira diz ele: «passando a de Luiz de Castro estava a dos mareantes de Tavira, que eram os quarenta arcabuzeiros que já disse, os quais por indústria de Pero Paulo, cavalleiro esforçado, capitão de uma galé, levantaram junto da ameia do muro um travez de pipas plenas, d'onde matavam nos inimigos a tiros certos. Passando a estância d'estes honrados homens, estava o travez ou baluarte da porta da villa».

Ainda sobre a gente do Algarve, acrescenta o mesmo autor que era de Mazagão e foi testemunha ocular: «Do baluarte de S. Sebastião ao de Santiago, caminhando ao oriente, no tempo da maré vazia havia boa guarda, da qual fazia Jorge Mendes de Faria, do Algarve, que tinha sua estância sobre a porta do mar, que elle guardava com sessenta homens que levou à sua custa. Em baluarte Santiago estava o capitão João Fernandes de Grada, com uma companhia de soldados práticos, valentes homens; adiante estava Francisco da Cunha, esforçado fidalgo do Algarve, com sua gente, com que bem vigiava sua estância e as alheias,

A TERCEIRA Guerra Mundial

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

da da Ásia; e, mais tarde, do continente africano. E' este, portanto, o momento decisivo em que essa ofensiva deverá ser enfrentada e detida. Daqui a um ano será, talvez, já tarde demais.

E enquanto as nações ocidentais se degladiam em longas e laboriosas negociações, após a última guerra, sem chegarem a um acordo positivo e definitivo acerca do inimigo comum, lancemos uma vista de olhos sobre as profecias de Nostradamus, célebre vidente do século XVI, e delas respiguemos o que nos prediz acerca do presente e futuro estado político e social do mundo.

Ora, segundo o profeta Ezequiel, cap. 38, dar-se-á «no fim dos dias», a invasão dos povos que vêm do Norte, da Rússia e do Oriente asiático, e do Norte da África, para a grande batalha contra Jerusalem: a conquista da Europa e a tomada e destruição do Santo Sepulcro.

E Jeremias diz a tal respeito: «Vem da terra do Norte um povo; e uma nação grande se levantará dos últimos confins da Terra»; (do norte e oriente asiático), Rússia e Ásia, e a raça preta: *ettopes e libios*.

Acerca dos pretos vejamos o que há presentemente a tal respeito: Os pretos estão acordando, actualmente. A Europa pretende desenvolver a África, para se opor ao inflexo comercial dos E. Unidos. A república da Libéria, na África, foi fundada por pretos americanos. Nos E. Unidos ha perto de 22 milhões de pretos. Muitos são comunistas. Lutam pelos seus interesses contra os brancos. Há lá a «Liga Universal dos Pretos». Marcus Garvey exige que lhes dêem a África para sede do seu governo. Há a «Black Star Line», linha de navegação para a África, dirigida só por pretos. E' de crer que, no fim do século actual, os pretos sejam fortes e ataquem também a Europa e Jerusalem. Em Setembro de 1950, realizou-se o 1.º «Congresso do Negro Brasileiro».

E então será a última grande guerra, chefiada pelo último Anti-Cristo, «no fim dos anos», «no fim dos dias», (entre 1950 e o ano 2.000), contra a Europa e Jerusalem, de milhões e milhões de europeus nórdicos (russos, germanos e outros asiáticos) e de africanos (norte de África, da religião maometana), contra toda a ideia de Deus e da religião.

Como o leitor vê, a última grande guerra será uma guerra contra a Religião Cristã e toda a ideia de Deus; uma guerra formidável e atrozíssima, mas não obstante as mais horrorosas calamidades e catástrofes, será ganha pelos ocidentais, europeus e americanos, implantando-se, após essa hecatombe, o verdadeiro Cristianismo Espiritualista na sua pureza, sendo repellido o comunismo, com a *Segunda vinda de Cristo, no fim dos tempos*, como a Bíblia assevera.

Nessa formidável luta, Portugal tem um papel importantíssimo e de alto relevo, como veremos no artigo seguinte.

Damião de Vasconcellos

Este número foi visado pela Delegação de Gensura.

sondando de noite os muros com muita deligência».

«Adiante da estância de João Rodrigues de Torres estava a estância de gente do Algarve, que foi a soldo d'El-Rei como capitão Francisco Portocarrero, cavalleiro de muito grandissimo esforço, e grande diligência, o qual fez sobre a ameia do muro um travez de pipas de terraplenadas como as tinha João Rodrigues de Torres, d'onde se fazia muito notável e grandissimo damno aos mouros».

J. Fernandes Mascarenhas

Defesa da Economia Nacional

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tica de fomento, embora pudesse supor-se que o problema da economia nacional se deveria anteopor. Persistiu-se, no mesmo princípio de que uma finanças fortes é que asseguram o desenvolvimento económico. Não foi só uma razão de intelligencia que conduziu a tal attitude; foi a experiência, foram os factos a aconselhar entre nós a manutenção desse equilibrio das mais vantajosas consequências em diversos sectores.

Não deixou, porém, o Governo de olhar atentamente à questão económica, nem abandonou um só instante o pensamento de contribuir quanto possível para o desenvolvimento da nossa economia, embora por força das circunstâncias esta houvesse de sofrer algumas medidas de momento que pareciam menos favoráveis.

Mas o Governo, e honra lhe seja, atende sempre em primeiro lugar ao interesse nacional,—e nesta attitude reside a lógica de governo desde a primeira hora; e o período de guerra e do após-guerra, que ainda vem correndo com as suas incertezas, depressões e modalidades, tem obrigado a caminhar com prodência e olhar às circunstâncias variáveis que se apresentam e até a sofrer a projecção de certos fenómenos mundiais a que não poderíamos ser estranhos.

O último despacho do illustre Ministro da Economia vem demonstrar cabalmente o zelo e o interesse do Governo pela vida do desenvolvimento da economia nacional.

Este despacho declara protecção à produção nacional é já agora possível, porque as condições de momento o permitem. As nossas balanças de comércio e pagamentos sofreram uma considerável melhoria o que tem «permitido atenuar as restrições impostas à importação e consente, portanto, que se encare com maior largueza a concessão de facilidades na aquisição dos ma-

Por esse Mundo fóra...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

subditos e tem por Chefe de Estado o Dr. Rajendra Prasad, eleito sem opposição. O Dr. Prasad foi fatimo colaborador de Gandhi, tendo estado várias vezes preso na campanha pela liberdade da Índia e exercia actualmente as funções de presidente da Assembleia Constituinte.

● Durante o almoço que lhe ofereceu a Associação da Imprensa Estrangeira, o ministro do Interior francês declarou que a França continuará a ser a tradicional hospiteira dos emigrados políticos, mas que exigirá o respeito pela lei e não permitirá que intervenham nos seus assuntos internos. Solicitado por um jornalista espanhol, Moch declarou que não consentirá qualquer conspiração, em França, contra o generalissimo Franco.

● Segundo se anuncia do Vaticano, Sua Santidade declarará, em 2 de Março próximo, que o túmulo de S. Pedro foi encontrado sob a Basílica do mesmo nome, o que confirmará a tradição católica de que S. Pedro foi sepultado ao lado do circo de Nero e que a Basílica foi construída sobre a sepultura, 300 anos mais tarde, por Constantino. Crê-se que, depois da declaração, os arqueólogos publicarão um livro acerca do assunto.

● Depois de uma crise ministerial de alguns dias, o novo Governo italiano, chefiado por De Gasperi, inclui cristãos democratas, socialistas da direita, republicanos e liberais e mantém nas principais pastas os ministros que faziam parte do elenco anterior. Segundo se afirma em Roma, o novo Governo, considerado de coligação, representa a primeira fase da frente anti-comunista italiana.

IMPARCIAL

teriais indispensáveis ao trabalho da produção nacional.»

Esta notícia não só tranquilizadora, como animadora, revela a prudente orientação que tem sido adoptada e a defesa intelligente e patriótica da nossa posição.

Para que a produção nacional não seja afectada no seu esforço de normal competição com as mercadorias estrangeiras por entaves ou dificuldades provenientes de intervenção oficial, é necessária uma actuação, que passa a exigir-se, pronta e atenta de todos os organismos e entidades interessadas.

1.º Os serviços de licenciamento devem deferir prontamente os pedidos de importação que se refiram a matérias-primas ou materiais necessários à produção nacional, a adquirir nos territórios metropolitanos ou ultramarinos dos países participantes da O. E. C. E., ainda que essas mercadorias não constem das listas de produtos liberalizados.

2.º Os serviços de licenciamento não poderão indeferir qualquer pedido de importação de materiais ou matérias-primas consideradas indispensáveis à indústria nacional e provenientes de territórios e diversos dos enunciados no número anterior sem que seja presente a despacho ministerial...

Estas determinações por si só esclarecem o espírito do despacho—dar todas as possíveis facilidades e protecção à produção nacional, para que esta não seja afectada por dificuldades ou obstáculos resultantes de intervenção oficial, nos seus esforços para competir com as mercadorias estrangeiras. Estas medidas de ordem económica, vêm, como já afirmámos, comprovar o empenho do governo na defesa e progresso da nossa produção.

Vasco de Mendonça Alves

Grémio da Lavoura de Tavira

Sêmas: Informamos os possuidores de gado bovino leiteiro de que está em distribuição o contingente correspondente á 1.ª quinzena do corrente mês. O prazo para o seu levantamento termina em 15, iniciando-se em 16 a entrega do contingente da 2.ª quinzena.

De futuro contamos poder efectuar as entregas dos contingentes dentro das quinzenas respectivas, terminando sempre o prazo de levantamento, no último dia de cada uma delas.

Qualquer alteração que venha a produzir-se no que fica estabelecido será comunicado aos interessados.

Tavira, 1 de Fevereiro de 1950

A Direcção

Efemérides Portuguesas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

missivelmente, para o fim do regime que, pouco a pouco, queimava as suas energias. Deste modo, foi impossível evitar a pior das catástrofes: o assassinio cobarde e monstruoso do Rei e do Príncipe herdeiro na tarde sangrenta de 1 de Fevereiro de 1908. Os dias da Monarquia estavam contados. No curto reinado de D. Manuel II completou-se a obra de destruição do trono. A' distância de algumas dezenas de anos, a sombra do monarca sacrificado no Terreiro do Paço ergue-se altiva e obriga os espíritos desapaixonados ao reconhecimento flagrante da sua exemplar individualidade, do seu impoluto patriotismo e da sua dignidade de soberano que sempre soube respeitar a Justiça e a Verdade.

CARTAS DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

rano — uma obra que fica, entre outras, a atestar, nestas paragens, a grande obra de António Ferro no «S. N. I.», onde se encontram os célebres e curiosos rochedos conhecidos por «Cabeça da Velha» e «Cabeça do Velho» (de facto bem sugestivos — e o primeiro, mesmo, verdadeiramente impressionante pela semelhança, sobretudo quando observado da segunda volta do caminho, na descida e no contra-luz da tarde), estrada recortada na encosta a pique e que nos deixa ver, de mais de 1.300 metros de altura, quantas vilas e aldeias e simples lugarejos vivem a sua vida singela, mas trabalhosa e produtiva, nas faldas ocidentais da serra. O panorama, de qualquer ponto do caminho que se disfrute, é de uma grandiosidade impressionante, pela vastidão imensa, que abrange milhares de quilómetros, pelas perspectivas extraordinárias e imprevisíveis que lhe empresta a altura a que o observador se encontra, pelo colorido maravilhoso que lhe imprime a diversidade de aspectos que o compõem: — hortas e pomares, prados e bosques, serras e planícies, povoações e descampados, rústicos tectos de colmo e altas chaminés fabris, humildes capelas e imponentes fábricas monastéricas; brancuras de cal deslumbrante, negrimes de ardósias luzidas e espelhentas, vermelhos afogueados de telha marselheza, amarelos gritantes de paredes, verdes multi-tons de uma vegetação que se espalha pelos vales e sobe pelas encostas num verdadeiro dilúvio de esmeraldas, lilazes esfumados das serras que, nos longes, sobem para o céu diáfano como véus de princesa oriental; e tudo «patinado» por uma poalha de ouro, acariciante e tépida, que o Sol derrama como um filtro de beleza por sobre a beleza dos Herminios, tornando-a enfeitante até mais não.

O outro espectáculo é o que se disfruta do miradoiro de S. Lourenço, sobre o vale de Manteigas. E este é de tal grandiosidade e de tão surpreendente beleza, que foi a custo que me despeguei do miradoiro, sob a imperiosa necessidade de chegar a tempo ao destino que o serviço oficial me marcava; o desejo que me assaltou foi o de ficar ali, indefinidamente, procurando novos ângulos e novas perspectivas para apreciar completamente o panorama aliciante na sua majestade, nas suas cores, no seu pitoresco: espectáculo panorâmico que nada fica a dever, sob todos os aspectos, a quantos da bela e famosa Suíça alpina nos têm mostrado os mais surpreendentes documentários cinematográficos e as maravilhosas fotografias das mais perfeitas revistas de propaganda turística do Mundo. E isso me deu orgulho de ser natural deste Portugal tão lindo e tão rico, que assim nos pode mostrar dos mais belos panoramas da Europa; e nos fez pensar, ao mesmo tempo e com tristeza, nesses portugueses sempre deslumbrados ante o estrangeiro, que só sabem passear a sua ociosidade endinheirada ou os seus lazeres remediados nos caminhos turísticos lá de fóra, gastando dinheiro e tempo, enlevados em paisagens estranhas e desconhecendo talvez ou pelo menos não dando o devido apreço a esta maravilhosa Serra da Estrela.

E é que nem a falta de alojamentos e comodidades pode justificar esse desapareço de certos portugueses por esta região. Há aqui hoje, já, magníficos hotéis e pousadas, como a de S. Lourenço, que o «S. N. I.» instalou ali acima, a 1.500 ou 1.800 metros de altitude e de onde se gozam panoramas extasiantes, como este do Vale do Zézere, no fundo do qual a vila de Manteigas, acariciada pelas águas do rio, que ali se espalha em esteiros, e embalada pelo perfume das suas hortas ubérrimas, que são autênticos jardins, vive a sua vida de trabalho industrial e campesino na paz do isolamento proporcionado pelas altas montanhas, que a cingem num abraço apertado de beleza sem par. De beleza sem par, repito, porque em poucos ou mesmo em nenhum outro sítio as montanhas poderão ter, no cair das tardes, colorações tão surpreendentes de verde e ametista, esbatendo-se para o alto em cambiantes quasi fantasmagóricas, que o Sol, nos restos do seu esplendor, ao pontilhar de ouro o cimo da serra e ao aureolar as copas das árvores e dos arbustos que a coroam, dilue no céu de extraordinária pureza, confundindo-as com ele.

Este Vale de Manteigas é uma verdadeira maravilha! E talvez ainda que o seu espectáculo seja mais belo e mais surpreendente, não admirado do miradoiro, mas quando se aprecia, ou melhor, quando se revela aos olhos deslumbrados do viajero que vai subindo a serra, ido da Guarda. De S. Lourenço é o conjunto do panorama que deslumbra e fascina, pela sua vastidão e pelas suas cores extraordinárias; da estrada são os pormenores, cada um por si só já incontestavelmente belo, que se vão revelando sucessivamente em cada volta do caminho, a cada hectómetro que se sobe, na ascensão lenta para os píncaros: de surpresa em surpresa, a emoção vai subindo de intensidade, para quedar num verdadeiro êxtasis quando se atingem as alturas de onde se abarca o panorama em toda a sua grandeza e majestade. E a própria estrada, ela em si, também tem a sua beleza e os seus atractivos, mostrando-nos quadros de verdadeiro encanto, desde os de um lirismo cativante, que se apresentam lá em baixo, quasi à beira do vale — ribeiros e riachos deslizando mansamente em cordas cristalinas, finas e sonorozas como de violinos, por entre tufos de árvores magníficas e arbustos coloridos, para irem cantar, ao fim, nas azenhas de grandes rodas gementes, a límpida canção das águas —, até aos verdadeiramente pastoris, oferecidos lá mais para cima — pequenos pastores envoltos em peles, alcandorados nas frâgoas, projectando nos horizontes imensos e no céu a desmaiar as suas silhuetas, por vezes quasi hieráticas, enquanto os sons harmoniosos das avenas rústicas reúnem as ovelhas mansas para a descida —, até, mesmo, aos quadros rústicos das várzeas ubérrimas, entrevistas numa aberta entre dois cômodos, e onde há sempre mansas vacas leiteiras pascendo serenamente, homens que arroteiam a terra úbere com suor e alegria, mulheres que lançam sementes no gesto largo e simbólico de quem cria mundos, tudo em volta de casais negros, em que a vida é simples como a natureza e as vozes que ecoam no coração das gentes — sente-se isso na paz do ambiente! — são apenas a de Deus e a da sua consciencial!

Eu tenho de voltar a esta região mais uma vez, antes que a Primavera faça o seu aparecimento amoroso e certamente encontrarei os Herminios cobertos pelo manto alvo de um nevão, que os entendidos me dizem que já se faz anunciar para breve; mas repito: duvido, duvido de que esse espectáculo me cause impressão superior ou me deslumbre mais, do que aquele que a Estrela me proporcionou, nesta e na minha anterior visita, sob um Sol esplendorosamente primaveril!

ANTERO NOBRE

A seguir: «A CIDADE — NINHO DE ÁGUA»

O Melhor Companheiro das Noites de Inverno é um bom receptor de T. S. F.

RADIO DUCRETET-THOMSON
SINTESE MARAVILHOSA DAS TÉCNICAS
EUROPEIA E AMERICANA

APARELHOS DAS MELHORES MARCAS
PARA CORRENTE E BATERIAS

Aerodinamos - Grafonolas

DISCOS: as últimas novidades His Master's Voice,

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

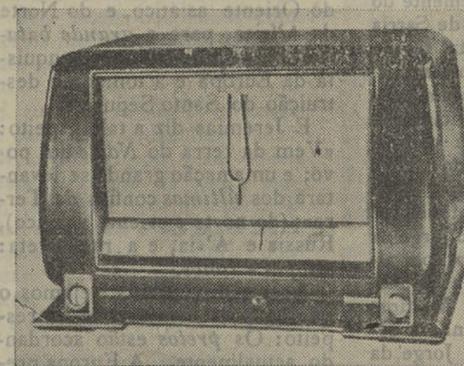
VENDA E ALUGUER DE

Aparelhagens Sonoras



Columbia e Decca

MUSICA em DISCOS



Um excelente Thomson modelo D-787

Ferros de Engomar
Eléctricos - Automáticos

AGÊNCIA:

Rua Dr. Parreira, 13

TAVIRA

VENDEM-SE

CASAS e ARMAZÉM, com poço de água, junto à estrada de Santo Estêvão.

Quem pretender dirija-se a José Amândio de Mendonça — Santo Estêvão.

JOP

JOPINHAL

Vinhos de mesa

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO
TOMOGRAFIA
ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

VENDEM-SE

Duas FORGUNETTES de carga — marcas «Fargo» e «Citroen», em bom estado e uma MOTOCICLETA, marca «Triunfo» nova.

Trespasa-se a «Garagem Gilão» optimamente apetrechada, própria para qualquer ramo de negócio.

Quem pretender dirija-se a José Mendonça Viagas, Rua José Pires Padinha — Tavira.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório de solicitador Carmo Peres

Empresa de Publicidade Algarve, L. da

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

Executa com a máxima perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

A PREÇOS MÓDICOS

Fábrica de Carimbos

Aceitam-se encomendas para qualquer parte

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13